

Porfírio Silva, *A Filosofia da Ciência de Paul Feyerabend*, Lisboa, Instituto Piaget, 1998, 354 pp.

Nota bibliográfica publicada na *Revue Philosophique de Louvain*, 97 (3-4), 1999

Este trabalho apresenta e discute os grandes temas da filosofia das ciências de Feyerabend (1924-1994), um dos autores mais importantes e mais controversos do que se convencionou “a nova filosofia das ciências”.

A leitura do pensamento de Paul Feyerabend exposta neste livro distingue-se claramente das interpretações propostas mais frequentemente, quer sejam fortemente críticas ou pelo contrário muito favoráveis. O Autor mostra, designadamente, e isto constitui um índice marcante da originalidade da sua leitura, que este filósofo, contrariamente que grande número de autores considera como evidente, não propõe como princípio metodológico a consigna “vale tudo” (“anything goes”) - e também não propõe a eliminação de todo o método científico, como parece querer deixá-lo entender o título da sua obra mais conhecida **Contra o método**.

Os problemas centrais da filosofia das ciências de Paul Feyerabend são postos aqui em perspectiva sob uma nova luz: a crítica do fundacionalismo empirista, a teoria pragmática da observação, a crítica do progresso por acumulação e a proposta do pluralismo metodológico, a tese da incomensurabilidade, o problema do relativismo epistemológico. Todos esses temas são examinados à luz do seu “realismo hipotético” e do alargamento do falibilismo.

Pondo radicalmente em questão as relações entre o pensamento científico (associado às práticas científicas institucionalizadas e poderosas) e o pensamento filosófico, a filosofia das ciências de Paul Feyerabend constitui uma contribuição importante para a filosofia da cultura contemporânea. A sua obra, se situada no quadro do diálogo filosófico que ela estabelece com Karl Popper, Thomas Kuhn e Imre Lakatos, fornece a base indispensável à compreensão do que se chamou o “anarquismo epistemológico”.

Versão original francesa da nota bibliográfica acima

Ce travail présente et discute les grands thèmes de la philosophie des sciences de Feyerabend (1924-1994), un des auteurs les plus importants et les plus controversés de ce que l'on a convenu d'appeler "la nouvelle philosophie des sciences".

La lecture de la pensée de Paul Feyerabend exposée dans ce livre se distingue nettement des interprétations proposées le plus fréquemment, qu'elles soient fortement critiques ou au contraire très favorables. L'Auteur montre entre autres, et ceci constitue un indice marquant de l'originalité de sa lecture, que ce philosophe, contrairement à ce qu'un grand nombre d'auteurs considèrent comme évident, ne propose pas comme principe méthodologique la consigne « tous est permis » (« anything goes ») – et ne propose pas non plus l'élimination de toute méthode scientifique, comme semble vouloir le laisser entendre le titre de son œuvre la plus connue *Contre la méthode*.

Les problèmes centraux de la philosophie des sciences de Paul Feyerabend sont ici mis en perspective sous un jour nouveau : la critique du fondationnalisme empiriste, la théorie pragmatique de l'observation, la critique du progrès par accumulation et la proposition du pluralisme méthodologique, la thèse de l'incommensurabilité, le problème du relativisme épistémologique. Tous ces thèmes sont examinés à la lumière de son « réalisme hypothétique » et de l'élargissement du faillibilisme.

En mettant radicalement en question les relations entre la pensée scientifique (associé à des pratiques scientifiques institutionnalisées et puissantes) et la pensée philosophique, la philosophie des sciences de Paul Feyerabend constitue une contribution importante à une philosophie de la culture contemporaine. Son œuvre, si on la situe dans le cadre du dialogue philosophique qu'elle noue avec Karl Popper, Thomas Kuhn et Imre Lakatos, fournit la base indispensable à la compréhension de ce que l'on a appelé l'« anarchisme épistémologique ».

(Nota bibliográfica publicada na *Revue Philosophique de Louvain*, 97 (3-4), 1999